

Sobre o Nome-do-Pai: eficácia, inoperância e os problemas do gênero

About the Name-of-the-Father: effectiveness, ineffectiveness and problems of gender

Roberto Barberena Graña¹

Resumo: O autor retoma criticamente um conceito chave da obra de Jaques Lacan, com o propósito de realçar a sua importância para a descrição e o entendimento das vias de estruturação subjetiva e suas perturbações - estados fronteiricos, perversões e psicoses - realçando as implicações experienciais deste significante, o qual, tornando-se lugar comum ao ser empregado de forma recorrente e abusiva em trabalhos e discussões que têm como centro os transtornos da identidade subjetiva e sexual, obscurece as sutilezas e particularidades evidenciadas em suas formas de mostraçã nos estados iniciais da vida psíquica.

Abstract: The author revisits critically a key concept of the work of Jacques Lacan, in order to remarks its importance to the description and understanding of the process of subjective constructing and its disorders - borderline states, perversions and psychoses - highlighting the experiential implications of this significant, which becoming a common place when employed frequently and abusively in works and discussions about subjective identity and sexual disorders, obscures the subtleties and peculiarities that are evident in their ways of mostration in the early stages of mental life.

Argumento crítico para a recuperação clínica de um significante

Um conceito cuja importância teve a força de disseminá-lo no domínio público psicanalítico e ao qual conhecedores - e desconhecedores - da obra de Jacques Lacan recorrem com frequência ao sustentarem discursivamente suas posições teóricas e suas recomendações clínicas - quando a estrutura ou as estruturações psicóticas estão no centro da questão - merece ser considerado antes de tudo em uma perspectiva fenomenológica - a que marcou o discurso lacaniano nos primeiros vinte anos - a fim de que o abuso de seu uso linguageiro não o converta em letra morta ou em metáfora reificada, cujo poder de enuniação heurística, de dicção viva da novidade já se perdeu.

¹ Psicanalista. Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e da Associação Psicanalítica Internacional. Doutor em letras pela UFRGS. Professor do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade.

Conferências

A tendência não incomum entre os psicanalistas lacanianos de se servirem dos conceitos prescindindo da experiência viva, da sua ancoragem no substrato vivencial, favorecida pelo próprio Lacan após o endosso entusiástico das teses estruturalistas e a recusa da sua formação inicial, solidamente embasada na fenomenologia husserliana, depois heideggeriana, e na psiquiatria fenomenológica francesa, ameaça algumas categorias originalmente valiosas de definharem linguística e semiologicamente. Ou seja, ao serem assim tratadas, estas correm o risco de alinharem-se com os inúmeros clichês e bordões que os “analistas de escola” empunham como armas desgastadas arriscando trair inadvertidamente a memória do Mestre, de cuja boca, em sublimes momentos, saltaram as *palavras vivas* que vieram a compor o *corpus* de sua teoria - palavras as quais, convertidas em verdades reveladas, afundaram no tedioso pântano das exaustivas reverberações clericais.

Ao estudar a função paterna em *O mito individual do neurótico*, escrito de 1953, onde pela primeira vez se referirá ao nome-do-pai (ainda em letra minúscula) Lacan realça que “A assunção da função do pai supõe um relação simbólica simples, onde o simbólico recobriria plenamente o real. *Seria necessário que o pai não seja tão somente o nome-do-pai, mas que represente em toda sua plenitude o valor simbólico cristalizado em sua função*”² (os itálicos são meus). Pretenderíamos desdobrar a afirmação de Lacan sublinhando que ao realçar “*em toda sua plenitude*” Lacan implica a integral presença do pai na vida do filho, presença falante-nominante-discursiva, mas igualmente presença “tocante”, psicossomática, discreta, silenciosa. Certamente presença interditiva, limitante, vigorosa, mas também presença terna, benevolente, lúdica. O sujeito, de sua parte, poderá constituir-se “*em toda sua plenitude*” somente a partir da experiência de contato pleno com um pai vivo, empático, presente e ativo.

Há algumas décadas, antes mesmo da morte de Lacan, Bernard This enfatizava já o risco de que uma detenção da representação do pai significando-o como não mais que “interditivo” o encerrasse na condição de um pai imaginário³. O pai que se limita a afirmar e reafirmar o seu “Não!”, de forma tonitruante e ameaçadora, torna-se excessivamente atemorizante, às vezes aterrorizante para a criança. Ele poderá assemelhar-se mais aos arbitrários e vingativos deuses olímpicos, ou ao deus bíblico do antigo testamento, de Jô, de Abraão e de Isaac, detentor dos mais infinitos poderes e executor dos mais terríveis castigos,

² Lacan, J. (1953) El mito individual del neurótico. *Intervenciones y Textos 1*. Buenos Aires, Manantial, 2002. (p. 56).

³ This, B. (1980) *O Pai: ato de nascimento*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

Conferências

poderá parecer-se mais a este Deus do que a um Jesus Cristo, o deus assemelhado ao homem, ente humanamente simbolizado e sujeito, por sua vez, a um Outro que o excede em poder, que o regra como agente divino, e que dessa forma também o “ajuíza”.

Há de se esperar o pior do pai divinamente idealizado, o pai que jamais desce à terra e ao qual o filho não pode no seu devido tempo desafiar, confrontar e imaginariamente assassinar. Vale lembrar que a indicação de Freud de que o supereu é o herdeiro do complexo de Édipo, especialmente o produto do recalçamento dos representantes representativos da sua corrente agressiva, tem a sua contraparte na concepção do ideal do eu como um precipitado estrutural da sua corrente amorosa, libidinal. O pai deverá, tenhamos portanto em conta, tanto *interditar* quanto *pajear* o filho, acompanhá-lo e protegê-lo na sua caminhada em direção ao mundo e aos imperativos regridores de qualquer intercâmbio possível dentro da coletividade humana.

Em seu *Discurso de Roma*, de 1953, Lacan não disse nada diferente quando se referiu às situações em que a geração tardia de um filho temporão pode produzir a não muito feliz situação em que um irmão do neonato, oriundo do primeiro casamento do pai, já entrado em anos, possua a mesma idade da mãe, o que o faz mais presente e ativo tanto do ponto de vista do complexo de Édipo quanto do complexo de intrusão, o que parece ter sido o caso de Freud. Conforme afirma Lacan “... mesmo representada por uma única pessoa, a função paterna concentra em si relações imaginárias e reais, sempre mais ou menos inadequadas à relação simbólica que a constitui essencialmente. É no *nome do pai* (aqui grafado ainda em letras minúsculas e sem o uso do hífen) que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei. Essa concepção nos permite estabelecer uma distinção clara, na análise de um caso, entre os efeitos inconscientes dessa função e as relações narcísicas, ou entre eles e as relações reais que o sujeito mantém com a imagem e a ação da pessoa que a encarna, daí resultando um modo de compreensão que irá repercutir na própria condução das intervenções”⁴.

Não é antes do final do primeiro terço do seu Seminário de 1955-56, *As psicoses* – ano em que Lacan irá se deter na releitura do Caso Schreber - que ele introduzirá o nome do pai,

⁴ Lacan, J.(1953) Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. *Ecrits I*, Paris, du Seuil, 1999.(p.276)

Conferências

novamente em letra minúscula e sem hífen (a grafia permanecerá indefinida durante os primeiros quatro ou cinco anos) para esclarecer a função exercida pelo pai simbólico, o pai edípico, na humanização do filhote do homem: “O complexo de Édipo quer dizer que a relação imaginária conflituosa, incestuosa nela mesma, está destinada ao conflito e à ruína. Para que o ser humano possa estabelecer a relação mais natural, aquela do macho com a fêmea, é preciso que intervenha um terceiro, que seja a imagem de alguma coisa de bem-sucedido, o modelo de uma harmonia. Não é demais dizer – é preciso aí uma lei, uma cadeia, uma ordem simbólica, a intervenção da ordem da palavra, isto é, do pai. Não o pai natural, mas o que se chama o pai. A ordem que impede a colisão e o rebentar da situação no conjunto está fundada na existência desse nome do pai”⁵. Significa dizer que para que o sujeito possa projetar-se para fora do encerramento no imaginário é requerido um Outro para o outro, pois no registro imaginário um e outro não se distinguem. Na ordem do imaginário a alienação é a condição constituinte. Ali, mais que em qualquer lugar, “Um é o outro”, como escreveu Rimbaud.

Com alguma frequência encontramos, porém, na literatura de inspiração lacaniana, afirmações que se situam a uma grande distância não apenas da letra e do sentido de Lacan, mas daquilo que é constatado pela experiência na clínica psicanalítica infantil e na observação atenta de crianças que se desenvolvem sadiamente. Um exemplo disso é a temerária afirmação de Joël Dor, em *Estrutura e perversões* (1987), que transcrevemos a seguir. Nas palavras de Dor: “Efetivamente, o pai real tende a aparecer como uma instância secundária no curso do Édipo, isto para situar a natureza da ambiguidade mantida por expressões como presença paterna ou carência paterna. Em relação ao pai real, esses atributos são inconsequentes na medida em que o que importa antes de tudo ocorre em torno da presença ou da carência do pai imaginário e, *a fortiori*, do pai simbólico. *A clínica fornece-nos cotidianamente o testemunho de evoluções edípias perfeitamente estruturantes fora da presença do pai real - seja ele ausente ou morto*”⁶ (os itálicos são meus). O contraste com a posição de Lacan, como se pode ver, atinge aqui uma dimensão estrondosa. Oposto a isso, Lacan afirmará que o pai real é o agente da castração, da castração simbólica, na qual o sujeito é privado de um objeto imaginário (a mãe), naquilo que Lacan designa como o terceiro tempo do Édipo.

⁵ Lacan, J. (1955-56) *Le Seminaire, livre III – Les Psychoses*. Paris, Du Seuil, 1981. (p.111).

⁶ Dor, J. (1987) *Estrutura e Perversões*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991. (p.96)

Há quase vinte anos tenho defendido a tese da complementaridade das obras de Winnicott e Lacan. Partindo do princípio de que o significante sem seu necessário recheio experiencial não é mais do que um vocábulo e de que a vivência sem sua necessária nomenclatura não é mais que pura cenestesia ou emotividade inefável, encontrei sempre uma grande potencialidade gerativa na interpenetração dos discursos destes dois grandes autores de inspiração freudiana, no sentido de conferir coesão a uma atitude teórico-clínica afim com o que se tem comumente designado, de forma pouco precisa, como a “psicanálise contemporânea”⁷. Como estamos centrados, neste momento, em um conceito de importância maior no sistema de pensamento de Jacques Lacan, convém que cuidemos de criticar a perda possível da dimensão existencial no sujeito lacaniano, ao ser vulgarizado como metáfora falante.

Se estivesse mais familiarizado com o paradoxo winnicottiano da criação do objeto, como Lacan estava, Joël Dor poderia entender que o bebê, inicialmente, relaciona-se apenas com os objetos que é capaz de criar. Os objetos que ele cria, entretanto, estavam já ali, anteriormente, esperando pela sua criação. Um objeto produzido imanentemente pela fantasia do bebê que não esteja faticamente, realmente, em lugar, tempo e condição de servir de suporte para o ato da sua criação, não chegará a se realizar. É apenas a sua presença fática que possibilita ao bebê a passagem de um estado alucinatório a um estado ilusório, o qual poderá conduzir à sua efetiva realização. Se o pai real, o pai empírico, o pai concreto (não necessariamente o biológico), não estiver presente no momento em que o filho necessita dar-lhe substância pela via perceptiva, ele não será mais que um objeto alucinado, um objeto subjetivamente concebido que jamais chegará a ser percebido objetivamente ou experimentado como real, conforme o sentido que lhe dá Winnicott⁸. Que ele apareça, posteriormente, sob a forma de um objeto sinistro, inumano, que ressurja no real da percepção - como uma alucinação - estranho ao universo simbólico do sujeito, dejetado ou forcluído, não poderá já nos surpreender.

⁷ Uma provisória síntese das reflexões desenvolvidas ao longo de duas décadas poderá ser encontrada em meu livro *Lacan com Winnicott: espelhamento e subjetivação*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2011.

⁸ Winnicott, D.W. (1971) *Playing and Reality*. Tavistock-Routledge, London, 1991.

Conferências

A progressiva desencarnação do sujeito lacaniano, que devém metáfora falante ou discursividade etérea no lacanismo tardio, parece favorecer abstrações categoriais passíveis de serem grafadas com maiúscula, como o Falo, o Outro ou o Nome-do-Pai, que são às vezes incorporadas nominalisticamente ao discurso, ao modo dos nomes absolutos ou dos termos sincategoremáticos de Guilherme de Ockam⁹, conseqüentes ao seu “princípio de parcimônia”. Parecem assim indicar o que não existe, devido à ausência de conotação, situação e articulação do referente. Havemos de considerar que este é um risco assumido *a priori* pela sustentação da tese lacaniana da “primazia do significante”. Que oportuno e útil poderia ser contrastá-la, portanto, com a do “primado da percepção”, de Merleau-Ponty!¹⁰

Gilles Deleuze costumava desesperar-se com a persistência destes “transcendentes” no discurso psicanalítico contemporâneo. Defendia a empiricização destes nominativos categoriais, de modo a poder torná-los pragmaticamente operáveis. Juntamente com Deleuze, mas sem contrapor ao significante o rizoma, sustentaremos que “O rosto dá substância ao significante”¹¹, e acrescentaremos, ainda de acordo com Merleau-Ponty, que “O corpo vivo dá-lhe polpa, revela a sua essência carnal”. Ninguém se identifica com um significante linguístico, com uma palavra, unicamente. Os estudos de Rosolato¹² sobre demarcação e significantes demarcativos são de grande importância pelo realce dado a tudo o que é de ordem semiótica, sinalizadora, analógica e que opera de forma silenciosa, não discursiva e não nominativa, estabelecendo as bases tônicas, epidérmicas, fisionômicas, cenestésicas, gestuais, empáticas sobre as quais operarão posteriormente o discurso, a fala, a imagem e o Nome-do-Pai. Vale dizer, um olhar materno poderá conter ou não conter o pai, um braço que se eleva trazendo o filho ao encontro do peito poderá conter ou não conter o pai, o “mamanhês” apresentará ou deixará de apresentar o pai ao bebê. E não é indiferente que o pai esteja ou não esteja, que esteja assim ou esteja assado, e que a cabeça do pai surgindo por detrás do ombro da mãe após a primeira mamada do bebê (que, como observou Winnicott, são muitas mamadas sucedendo-se e sintetizando-se no tempo) forneça um suporte fático para o comentário feito por ela: - *Que bem mamou o nosso pequeninho hoje! Não é mesmo, Papai?*

⁹ Ockham, W. (1979) Obras selecionadas. In. *Os pensadores*. São Paulo, Abril Cultural.

¹⁰ Merleau-Ponty, M. (1946) *Primado da percepção e suas conseqüências filosóficas*. Papirus, São Paulo, 1990.

¹¹ Deleuze, G. (1980) *Mil Planaltos*. Assírio & Alvim, Lisboa, 2004.

¹² Rosolato, G. (1985) *Éléments de l'interprétation*, Paris, Gallimard.

Conferências

Quando este Outro do outro está ausente, ou seja, quando ocorre a rejeição deste significante primordial “em trevas exteriores”, como diz Lacan, nos deparamos com o mecanismo fundamental que está na base da paranóia. Mas este Outro, insistamos, é um outro que opera nos três registros, como nome, como imagem, mas também como presença material.

Apesar de centrar seu estudo sobre a forclusão do Nome-do-Pai na sua relação com a paranóia e com as psicoses, Lacan irá também relacionar a inoperância deste significante primordial com as personalidades *como se*, de Deutsch (semelhante aos arranjos do tipo falso *self*), com a delinquência e com o transexualismo, cuja pendência psicótica ele não deixará de assinalar.

Primeiramente Lacan se reporta a um caso de Katan, o de um adolescente inicial, que qualifica de pré-psicótico - expressão utilizada pelos franceses para referirem-se aos estados esquizóides ou fronteirços. Neste rapaz havia faltado tudo o que pudesse servir de esteio aos seus esforços dramáticos de virilização. Na falta de um suporte viril, ou como dirá Lacan, na *Verwerfung* do “significante macho primordial”, ele procura assemelhar a sua atitude masculina à de um colega a quem admira pela sua competência viril. Entrega-se, então, a uma prática de masturbação compulsiva a qual só é interrompida por injunção desse companheiro. Seguindo as pisadas deste, o paciente institui algumas manobras que acredita possam lhe possibilitar apropriar-se de si mesmo enquanto homem. Com relação ao amigo ele comporta-se como se estivesse submetido ao poder de um pai severo. Em sua obstinação imitativa acaba por apaixonar-se, porém, pela mesma menina que havia sido escolhida pelo colega, e é justamente nesse momento que a situação se torna insustentável e ele sofre o seu primeiro colapso. Quando a psicose se manifesta, não emerge dela nenhuma significação nova, ele continua sendo, como antes, um homossexual latente, e desenvolve a idéia delirante de que seu pai quer matá-lo, roubá-lo e castrá-lo. O abolido internamente retornava a partir de fora, no real, sob a forma de um delírio paranóide, como se pode constatar. O significante paterno excluído do lugar onde se esperaria encontrá-lo, por efeito da forclusão, reaparece no exterior, com a força de convicção de um delírio persecutório. “Encontra-se aí - diz Lacan - manifestamente o mecanismo do *como se* que a Sra. Helène Deutsch avaliou como uma dimensão significativa da sintomatologia dos esquizofrênicos. É um mecanismo de

Conferências

compensação imaginária do Édipo ausente, que lhe teria dado a virilidade sob a forma, não da imagem paterna, mas do significante, do nome-do-pai”¹³.

Lacan considerará também os casos em que “uma certa falta se produziu na função formadora do pai”. Nessas circunstâncias não se falará de uma forclusão do Nome-do-Pai em sentido pleno, mas numa precariedade ou numa ineficácia do significante paterno. Conforme afirma Lacan: “Nessas situações o filho adere a uma posição feminina, mas não é por temor à castração. Todos nós conhecemos aqueles filhos delinquentes ou psicóticos que proliferam à sombra de uma personalidade paterna de caráter excepcional, de um desses monstros sociais que a gente chama de *monstros sagrados*. São personagens freqüentemente muito marcadas por um estilo de irradiação e de sucesso, mas de maneira unilateral, no registro de uma ambição ou de um autoritarismo desenfreados, às vezes de um talento, de um gênio. Não é obrigatório que haja gênio, mérito, mediocridade ou maldade, basta que haja o unilateral e o monstruoso. Não é certamente por acaso se uma subversão psicopática de personalidade se produz especialmente em uma tal situação”¹⁴.

Na clínica psicanalítica com crianças cujas famílias satisfariam quase completamente os critérios de configurações de papéis de gênero favorecedores de uma perturbação da identidade de gênero nos filhos, deparamo-nos, às vezes, surpreendentemente, com meninos que, evitando a emasculação psíquica, a feminilização da atitude sexual, “virilizaram-se” de forma delinquential, e são trazidos ao analista ou ao psicoterapeuta principalmente pelas dificuldades da família ou da escola em manejar a conduta agressiva ou transgressiva em circunstâncias diversas.

Acerca do lugar do pai nos transtornos da identidade de gênero na infância

É uma temeridade ensaiar dar conta da espessa massa de fenômenos inerentes a uma torção subjetiva radical e a uma dessubjetivação devastadora, como encontramos na psicose e no transexualismo, onde segundo Lacan (1971), uma pendência psicótica estará sempre presente, unicamente repercutindo a referência à forclusão do Nome-do-Pai. Lacan, que muito admirava Robert Stoller, cujas descrições minuciosas e ilustrações clínicas o impressionaram a ponto dele recomendar a leitura de seu livro *Sex and Gender* (1968) aos

¹³ Lacan, J. (1955-56) *Le Seminaire, livre III – Les Psychoses*. Paris, Du Seuil, 1981. (p.218).

¹⁴ Lacan, J. (1955-56) *Le Seminaire, livre III – Les Psychoses*. Paris, Du Seuil, 1981. (P.230)

Conferências

seus ouvintes; dizia, porém, que ele melhor teria fundamentado as suas teses se possuísse na ocasião algum conhecimento da “forclusão lacaniana”¹⁵. Seus seguidores adotaram entretanto, e lamentavelmente, esta explicação única em suas tentativas de esclarecimento de ambos os fenômenos (psicose e transexualismo), pretensamente fundamentadas no pensamento de Lacan, para infortúnio deste, como afirmei anteriormente.

A escolha do marido/pai pela esposa/mãe, nas famílias em que se gestam as perturbações da identidade de gênero na infância, dá-se em conformidade com as condições de conveniência, *sine qua non*, que se estabelecem *a priori*, ou seja, de que este homem se situe dentro dos limites de tolerância íntima à masculinidade e à falicidade que a mulher possa, em alguma medida, ter desenvolvido e seja capaz de suportar. Assim, encontraremos com maior frequência entre os pais reais que integram ou integraram o contexto inicial da vida destas crianças, distribuídos em um gradiente psicopatológico: transtornos psiconeuróticos graves (histéricos, fóbicos, obsessivos, depressivos), transtornos de personalidade (impulsivos, esquizóides, paranóides) e, menos comumente, transtornos psicóticos clinicamente manifestos. A conduta homossexual ou bissexual ativa nestes pais não é tão frequente como se poderá pensar, embora eles tendam amiúde a assumir uma posição feminina na família. Mais comumente, o que se evidencia é a herança da falha na inscrição do “significante macho primordial” no pai, fazendo com que um transtorno de identidade de gênero na infância, na sua forma típica, necessite, frequentemente, de três gerações para constituir-se, conforme afirmou Lacan, citando Ronald Laing, também a respeito das psicoses. Em geral, no plano do significante ou da representação paterna engendrada pela criança, eles não avançam além do imaginário, assumindo as formas mais comuns que vamos na sequência descrever.

Recordando a afirmação freudiana de que o filho apropria-se do pai por identificação¹⁶, consideremos a total dimensão dos impedimentos no nível demarcativo que estas crianças encontrarão para a efetuação de uma operação identificatória que tem como sua condição a exaltação da imagem do pai, para a constituição do ideal do eu, e o respeito à mesma imagem, para a constituição do supereu (salientemos que esta imagem opera aí como um significante de demarcação). O que mais frequentemente nos revelam nossos pacientes, no momento em que os vemos pela primeira vez, durante a avaliação, é uma importante lacuna de experiência

¹⁵ Lacan, J. (1971) *O Seminário, livro 18 - De um discurso que não fosse semblante*. São Paulo, Jorge Zahar, 2007. (p.30)

¹⁶ Freud, S. (1921). La identificación. In: *Psicología de las masas y análisis del yo*. Obras Completas v. 3. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

Conferências

que ocasiona um vazio identificatório, um buraco, onde, a princípio, deveria assentar-se consistentemente a representação paterna, a partir da qual operaria eficazmente o Nome-do-Pai, *em toda a plenitude do valor simbólico cristalizado em sua função*, como realçara Lacan.

A falha na inscrição psíquica do significante paterno (Nome-do-Pai) e das representações do Masculino, nas quais se apoiaria o acesso ao registro simbólico, será, portanto, basicamente condicionada por duas ordens de determinação:

- 1 - por “insuficiência das representações de masculinidade”.
- 2 - por “destruição das representações de masculinidade”.

As circunstâncias histórico-ambientais-relacionais que se associam com o primeiro grupo (insuficiência das representações de masculinidade) implicam as configurações vinculares nas quais o pai se situa (1a) como um elemento *contextualmente inexistente* ou (2a) como um elemento *contextualmente indisponível*.

(1a) A condição de *inexistência* do modelo paterno refere-se a uma situação de ausência real do pai, em consequência de sua morte, de desconhecimento ou de recusa da paternidade. Nestes casos, em que o filho não dispõe presencialmente da pessoa real do pai para o exercício da função paterna, e que a princípio se relacionam a circunstâncias externas (frequentemente, mas nem sempre) aleatórias, observa-se que, se o esquecimento, o ressentimento ou o denegrimiento da figura do pai pela mãe não atingirem proporções extremas - assim como a identificação do filho com este juízo sobre o Masculino - encontraremos maiores possibilidades de virilização do menino e, conseqüentemente, de consolidação da identidade de gênero masculina, com a retomada do desenvolvimento psicosssexual. Em circunstâncias favoráveis criou-se um mínimo de condições de representabilidade paterna, através da vigência da referência materna a esta instância e/ou do favorecimento de contatos reais com figuras masculinas substitutas no interior da família ou fora dela. Não obstante, deve-se reconhecer as dificuldades do trabalho analítico nos casos de um pai efetivamente inexistente, ou um de "pai morto", como habilmente demonstrou Joyce McDougall¹⁷. A ausência do pai real não é um fato indiferente, e mesmo nos casos em que ocorre a masculinização do menino ou a feminilização da menina, pode-se observar, na sua falta, alguma

¹⁷McDougall, J. (1987) El padre muerto. *Revista de Psicoanálisis*. Buenos Aires, XLIV (5):935-61.

Conferências

fragilidade na integração dos elementos masculinos e femininos (Winnicott, 1971), que poderão dissociar-se como defesa contra uma angústia de qualidade depressiva decorrente do reconhecimento da inexistência de algo que se deveria ter tido (e usufruído) mas não se teve, ou que se teve mas logo se perdeu.

(1b) A condição de *indisponibilidade* do modelo paterno pressupõe sempre algum grau de comprometimento psicopatológico materno relacionado à inconsistência fálica da representação paterna (a ineficácia do Nome-do-Pai) no imaginário da mãe. Refiro-me aqui aos pais que por evitação fóbica, retraimento esquizóide, personalidade infantil, etc., mantêm um tipo de relação com o filho que se revela inconsistente e precariamente investida libidinalmente, e onde a ação materna se espetaculiza performaticamente e a representação materna se hipertrofia ao modo tela, ou painel, podendo induzir a criança a identificar-se com o modelo de personalidade e conduta que a mãe lhe oferece, geralmente mais expressivo, atrativo, vivo, e que tem como consequência um desequilíbrio ponderal significativo no investimento dos objetos primários (podendo conduzir a uma pseudovirilidade ou a uma masculinidade *como se*). As circunstâncias ambientais e as alternativas externas (figuras substitutivas eventualmente disponíveis) costumam oferecer escassa colaboração para a constituição de estruturas compensatórias, e mesmo para o processo terapêutico individual, por não responderem, via de regra, ao *management* do analista, embora possamos surpreender-nos, em raros casos, com as inesperadas possibilidades de reestruturação da matriz relacional apresentadas pelo grupo familiar.

Se neste primeiro grupo ressaltar os pais *inexistentes* e os *indisponíveis*, que do ponto de vista do agenciamento ambiental eficaz não representam uma condição preponderante na determinação do distúrbio, dependendo este em grande parte de uma disposição eletiva imanente à criança, mencionarei agora uma segunda configuração das relações pai-filho na qual creio que a patologia paterna (parental) poderá pesar de forma mais decisiva na origem da perturbação do processo identificatório, a qual poderá afetar de forma difusa o desenvolvimento da personalidade da criança, mais além do sentido específico do gênero.

As circunstâncias histórico-ambientais-relacionais que estão associadas com o segundo grupo (destruição das representações de masculinidade) implicam as configurações vinculares em que o pai se situa (2a) como um elemento *contextualmente improcessável* ou (2b) como um elemento *contextualmente irreconhecível*.

(2a) A condição de *improcessabilidade* do modelo paterno está diretamente ligada à violência e à irracionalidade da atitude/ação do pai real. O pai vivido como psicologicamente improcessável pelo filho é o pai experimentado e representado como brutal, aniquilador, irrazoável, o qual não pode ser tomado como um modelo introjetável por constituir uma permanente ameaça à integridade subjetiva da criança. Nestas condições podem começar a operar na criança os mecanismos psicóticos que implicam na destruição das representações viris; a *verwerfung* (rejeição) substituirá a *bejahung* (afirmação) do significante macho primordial, levando à expulsão para o exterior perceptivo daquilo que é eliminado no interior representacional. Assistiremos então à criança funcionando como um complemento materno, e poderemos constatar a emergência d'A Mulher (o transexual, a fêmea plena) substituindo o Nome-do-Pai, conforme a proposição de Catherine Millot¹⁸. Descrevi, em outra oportunidade, de que forma a imago paterna poderá ser pulverizada como medida protetora do *self* central, e como, por uma ação psíquica de natureza catabólica, ela será eliminada, "dejetada", como um insumo inaproveitável no curso do processo de subjetivação. Deparamo-nos aqui com situações clínicas em que o trabalho analítico dá-se em condições consideravelmente mais difíceis, sendo a colaboração do ambiente severamente limitada pelo grau de comprometimento psicopatológico do grupo familiar. Essas situações encontram-se notavelmente bem descritas e caracterizadas por Bloch¹⁹, que estuda detalhadamente quatro casos de desvio sexual na infância onde a imago paterna aniquiladora/aniquilada aparece como um componente genético decisivo.

(2b) Na condição de *irreconhecibilidade* do modelo paterno, o pai oferece-se à apercepção do filho como alguém que destruiu *a priori* as possibilidades de significação viril de sua figura por parte da criança, deixando-a originalmente privada do encontro com o significante paterno. Nos pais que espetaculizam, inadvertida ou orgulhosamente, uma desfiguração do papel sexual e desempenham, de forma confusional, um papel feminino dentro da própria casa (às vezes com evidente excitação e/ou sensualização da reação com o filho) ocorre a destruição primária da possibilidade introjetiva de uma representação fálica estruturante, a qual é substituída por uma imagem tanto ambígua como inexpressiva, se não ridicularizada (nestas famílias, realcemos, "a mãe veste as calças e as cuecas") à qual o filho não reconhece e não utiliza como suporte prototípico de sua masculinidade. Nessas condições deparamo-nos com algo semelhante ao que se poderia designar como um "legado do destruído", onde o que se herda é o evidente fracasso estrutural-funcional da

¹⁸ Millot, C. (1983) *Horsexe: essai sur le transsexualisme*. Point Hors Ligne, Paris.

¹⁹ Bloch, D. (1967) Cuatro niños que insistían en que pertenecían al sexo contrario. In: *Para que la bruja no me coma*. México, Siglo Veintiuno, 1986.

Conferências

inscrição paterna (do Nome-do-Pai) no pai. Em contrapartida, é comum observarmos a virilização mais ou menos acentuada da presença/figura da mãe, o que irá comprometer também, notavelmente, o exercício conveniente da função materna. Aos esforços terapêuticos do analista opõe-se frequentemente, sob tais condições, um permanente “trabalho do negativo” (ou de Penélope), que se retroalimenta na realidade cotidianamente atuada da inversão dos papéis de gênero na interação do grupo familiar.

Um caso de Sándor Ferenczi, a título de consideração conclusiva

Em 1909 Ferenczi publicava um ensaio²⁰ que viria a constituir o primeiro grande passo na construção de seu pensamento teórico-clínico, marcantemente “extemporâneo”. No terceiro caso clínico que ali apresenta, o de um jovem alfaiate padecente de crises histero-epilépticas, com sonambulismo noturno - que o levava a sentar-se à máquina de costura e tecer um tecido imaginário interminável, até ser despertado - e de caráter tímido, submisso e modesto, tornando-se por isso facilmente sugestionável e hipnotizável, Ferenczi relacionará a atitude excessivamente dócil e servil do rapaz e seus sintomas ao treinamento que recebera “na loja de um patrão muito severo que o espancava com freqüência e cujas exigências excessivas o rapaz queria satisfazer a todo custo: naturalmente, o personagem do patrão nada mais era do que a lembrança encobridora do pai temido mas respeitado”²¹ Ele ilustra na seqüência o fenômeno que denomina, em acordo com Freud, de “obediência retroativa” e que opera na produção do sintoma e na formatação da transferência: “Outrora, era com o grito de ‘levanta-te!’ que seu pai tinha o hábito de acordá-lo todas as manhãs e parece que o infeliz continua obedecendo às ordens que seu pai lhe dava na infância e depois o seu patrão durante o aprendizado”.²²

Conforme Ferenczi, os objetos de amor primário são psiquicamente introjetados e mentalmente integrados no ego do sujeito. Assim sendo:

A criança ama seus pais, ou seja, identifica-se com eles, sobretudo com o do mesmo sexo (...). Nessas condições, a obediência deixa de ser um desprazer; o rapaz sente inclusive satisfação diante das manifestações da onipotência paterna, dado que em

²⁰ Ferenczi, S. (1909) *Transferência e Introjção*. Obras Completas I, Martins Fontes, São Paulo, 1991.

²¹ Op. Cit. p.100.

²² Op. Cit. p.101.

suas fantasias apodera-se dessa potência e, portanto, está obedecendo somente a si mesmo quando se dobra à vontade paterna. Naturalmente, essa obediência espontânea tem um limite que varia segundo os indivíduos e, quando esse limite é transposto pelas exigências dos pais, quando a pílula amarga da coerção não está envolta na doçura do amor, a criança retira prematuramente sua libido dos pais, o que pode levar a uma perturbação brutal do desenvolvimento psíquico.²³

Na sequência, Ferenczi oportunamente introduz um exemplo extraído da literatura com o qual mais estética e extensamente ilustrará a falência do Nome-do-Pai em situações nas quais a impiedade e a brutalidade paternas, atravessadas por um inocultável elemento erótico-sensual, induzem uma qualidade feminina à identidade de gênero do filho que, quando adulto, se entregará à paixão homossexual.

Em *Pedro, o grande e Alexis*, de Merejkovsky, “o pai tirânico e cruel, que despreza todo sentimento, defronta-se com o filho de uma docilidade incondicional que, paralisado por um complexo paterno onde se misturam o amor e o ódio, é incapaz de opor-se ao tirano”. Com frequência, em seus sonhos, o príncipe Alexis vê aparecer a imagem do pai. “O príncipe vê-se criança, no berço, e seu pai de pé junto a ele. Estende para o pai seus braços com ternura, sorrindo-lhe em seu sono, e grita: ‘Papai, meu papai querido!’ Depois salta-lhe ao pescoço. Pedro abraça seu filho contra o peito, um abraço tão forte que o machuca; aperta-o, beija suas faces, o pescoço, seus membros nus, seu corpo escaldante e entorpecido sob a camisa de dormir...”. Nos métodos educativos rigorosos a que o czar submeteu seu filho durante a adolescência, sobressaia-se um enunciado pedagógico: “Não dê poder a nenhum filho na sua infância; quebre-lhe as costelas enquanto ele cresce; os golpes não o matarão, mas lhe darão força”²⁴. Conforme esclarece o próprio historiador-romancista (Merejkovsky): “Todo o amor que o czarevitch não podia dedicar a seu pai, ele transferiu para seu pai espiritual, seu confessor Jacob Ignatiev. Foi uma amizade ciosa, terna e apaixonada, como entre amantes”²⁵. Sob efeito do fascínio sado-masoquista e filicida emanante de sua relação inicial com o pai, Alexis não resiste, entretanto, ao chamado deste e desloca-se do seu refúgio na Itália, no qual vivia com segurança, para a Rússia, onde o pai o recebe enfurecido e, ensandecidamente, o destroça chicoteando-o até a morte com as próprias mãos.

No exemplo de Pedro e Alexis vemos concentrarem-se as características das diferentes

²³ Op. Cit. p. 101.

²⁴ Op. Cit. p. 101.

²⁵ Op. Cit. p. 102.

Conferências

possibilidades de relações antes descritas, destacando especialmente a alternância e inter-relação que implicam a distância afetiva, a proximidade excitante, a submissão servil e a brutalidade franca, tudo isso operando sob a égide de um “monstro social sagrado”, como dizia Lacan, o que agrega efetividade emasculante, dessubjetivante e mortífera a uma relação pretensamente modelar (posto que protagonizada pelo czar e pelo czarévith), onde se exerce “legitimamente” um poder “simbolicamente sustentado” pela força de uma posição política e socialmente soberana.

Isto constitui, sem dúvida, uma razão suficiente para que lancemos a todo poder simbólico instituído (já que não se trata aqui de reverenciar um universal metafísico), um olhar crítico que não prescindia inteiramente de certa suspeita preventiva, suspeita que será sempre recomendável àqueles que ousam levantar a cabeça acima do rebanho para melhor instanciar a fonte das regras e injunções que orientam o sentido de seu movimento.

Referências

Bloch, D. (1967) Cuatro niños que insistían en que pertenecían al sexo contrario. In: *Para que la bruja no me coma*. Siglo Veintiuno, México, 1986.

Deleuze, G. (1980) *Mil Planaltos*. Assírio & Alvim, Lisboa, 2004.

Dor, J. (1987) *Estrutura e Perversões*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1991.

Ferenczi, S. (1909) *Transferência e Introjeção*. Obras Completas I, Martins Fontes, São Paulo, 1991.

Freud, S. (1921). La identificación. In: *Psicología de las masas y análisis del yo*. Obras Completas v. 3. Biblioteca Nueva, Madrid, 1973.

Graña, R. (2011) *Lacan com Winnicott: espelhamento e subjetivação*. Casa do Psicólogo, São Paulo.

Conferências

Lacan, J. (1953) El mito individual del neurótico. *Intervenciones y Textos I*. Manantial, Buenos Aires, 2002.

Lacan, J. (1955-56) *Le Seminaire, livre III – Les Psychoses*. Du Seuil, Paris, 1981.

Lacan, J. (1971) *O Seminário, livro 18 - De um discurso que não fosse semblante*. Jorge Zahar, São Paulo, 2007.

Lacan, J.(1953) Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. *Ecrits I*, du Seuil, Paris, 1999.

McDougall, J. (1987) El padre muerto. *Revista de Psicoanálisis*. Buenos Aires, XLIV (5):935-61.

Merleau-Ponty, M. (1946) *Primado da percepção e suas conseqüências filosóficas*. Papirus, São Paulo, 1990.

Millot, C. (1983) *Horsexe: essai sur le transsexualisme*. Point Hors Ligne, Paris.

Ockhan, W. (1979) *Obras selecionadas*. In. Os pensadores. Abril Cultural, São Paulo.

Rosolato, G. (1985) *Éléments de l'interprétation*, Gallimard, Paris.

This, B.(1980) *O Pai: ato de nascimento*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1987.

Winnicott, D.W. (1971) *Playing and Reality*. Tavistock-Routledge, London, 1991.